

**sinopse** Alemanha, Outono de 1945. Nelly Lenz (Nina Hoss) é uma sobrevivente dos campos de concentração nazis. Apesar de ter escapado à morte, sofreu vários ferimentos que lhe deixaram o rosto totalmente desfigurado. Lene Winter (Nina Kunzendorf), que trabalha para uma agência judaica, cuida dela e leva-a para Berlim, ajudando-a de todas as maneiras que é capaz. Quando, após uma cirurgia de reconstrução facial, Nelly se apercebe de que está quase irreconhecível, Nelly sente-se perdida. É então que decide ficar na cidade e procurar Johnny (Ronald Zehrfeld), o marido, que tudo indica ter sido quem a denunciou às autoridades alemãs. Certo dia, encontram-se. Convencido de que Nelly morreu, Johnny não a reconhece. Mas propõe-lhe um trato: dadas as semelhanças com a esposa que julga falecida, pede-lhe que finja ser ela própria e o ajude a reclamar uma herança em seu nome. Determinada a descobrir a verdade sobre as intenções do homem com quem casou e que nunca deixou de amar, Nelly concorda...

**Com argumento e realização do alemão Christian Petzold ("Bárbara"), é a adaptação cinematográfica da obra "Le Retour des Cendres", de Hubert Monteilhet. Em 2014, "Phoenix" recebeu o Prémio da Crítica Internacional (Fipresci) no Festival de Cinema de San Sebastián, no País Basco.**

Título original: Phoenix (Alemanha, 2014, 98 min.)  
Realização e Argumento: Christian Petzold  
Interpretação: Nina Hoss, Ronald Zehrfeld, Nina Kunzendorf  
Fotografia: Hans Fromm  
Produção: Schramm Film Koerner & Weber Bayerischer Rundfunk, Westdeutscher Rundfunk  
Estreia: 16 de Abril de 2015  
Distribuição: Leopardo Filmes  
Classificação: M/12



## **A tragédia de um rosto**

*João Lopes, Cinemax*

Confirma-se a vitalidade de uma tendência para reavaliar as heranças da Segunda Guerra Mundial: "Phoenix", com essa extraordinária atriz que é Nina Hoss, centra-se no drama de uma sobrevivente de um campo de concentração.

Reencontramos em "Phoenix" uma aliança — entre o realizador Christian Petzold e a atriz Nina Hoss — que já tinha sido decisiva em "Barbara" (2012). Neste caso, encenam um drama situado na Alemanha de leste, na década de 80, num ambiente de perversa repressão dos seres humanos. Agora, são ainda os fantasmas da história alemã que regressam, mas no contexto do fim da Segunda Guerra Mundial.

A tragédia íntima da personagem central, Nelly Lenz (Hoss), está literalmente inscrita no seu rosto: Nelly sobreviveu num campo de concentração, tendo ficado com o rosto desfigurado; a operação que faz dá-lhe novas feições, não sendo reconhecida pelos seus mais próximos, incluindo o marido Johannes (Ronald Zehrfeld). Mais do que isso: no clima de perseguição aos judeus, Johannes poderá ter sido aquele que a denunciou aos nazis...

Sustentado por uma exemplar direcção de actores, o trabalho de realização de Petzold envolve dois vectores complementares: por um lado, a odisséia de Nelly expõe-na à terrível tarefa de reencontrar um lugar (físico e emocional) para viver; por outro lado, o pano de fundo para tudo

isso está longe de ser meramente decorativo, uma vez que surge marcado por uma teia de negações e traições inerente à reconstrução do próprio país.

Sem hesitar na afirmação de um realismo social e psicológico extremamente elaborado, "Phoenix" é, afinal, mais um título que ilustra a energia da vaga de obras sobre a Segunda Guerra Mundial (alemães e não só) que temos vindo a observar desde o lançamento de "Lore" (2013), de Cate Shortland. Muito para além das regras tradicionais do "filme-de-guerra", trata-se, agora, de observar os labirintos dos mais inusitados destinos individuais.

## A mulher que viveu duas vezes

Jorge Mourinha, Público de 16 de Abril de 2015

Depois de **Barbara**, um novo retrato de mulher que confirma Nina Hoss como uma senhora actriz e Christian Petzold como um dos grandes cineastas dos nossos dias.

O espantoso **Barbara** (2012) já nos dizia que o alemão Christian Petzold estava a afinar e a refinar o seu cinema, uma obra trespassada pela própria história da Alemanha enquanto país simultaneamente "dividido" e "recomposto" a partir das cinzas da II Guerra Mundial.

Talvez essa dimensão histórica do seu cinema nunca tenha estado mais visível do que em **Phoenix**, que nos transporta para a Berlim do imediato pós-guerra e, pelo meio de uma série de invocações cinematográficas/cinéfilas, se foca (de novo) num retrato de mulher, também ela "dividida" e "recomposta" depois do trauma da guerra.

O título do filme é já evocativo da multiplicidade de "camadas" que Petzold pacientemente sobrepõe: Nelly (Nina Hoss, a "musa" do realizador) é uma "fénix" renascida, uma mulher que, dada como morta nos campos de concentração, regressa à vida, mas Phoenix é também o nome do cabaré berlinense onde ela procura traços da vida anterior que quer recuperar. E todo o filme se centra à volta dessa noção de "recuperar o passado", de "renascer para a vida". Com uma diferença essencial: o trauma da guerra impede que essa vida passada possa ser recuperada.

Primeiro obstáculo: o rosto de Nelly, judia desfigurada nos campos, teve de ser reconstruído por um cirurgião plástico, ao ponto de ela já não se reconhecer a si própria. Segundo obstáculo: o coração de Nelly continua a querer Johnny, o marido (não judeu) que perdeu de vista quando foi presa, mas que pode ter tido um papel na sua denúncia e prisão. **Phoenix**, então, segue Nelly num percurso entre o coração e a razão, entre a sua busca de um Johnny que não a reconhece e Lene, a amiga que a ajuda a voltar a erguer-se e que a quer levar para longe da Alemanha que rejeitou tão violentamente a sua comunidade judia. E fá-lo a um nível que evoca abertamente o **Vertigo** de Hitchcock, tanto como o **Terceiro Homem** de Carol Reed ou o **Alemanha, Ano Zero** de Rossellini, os escritos de Berlim de Christopher Isherwood ou a arte da República de Weimar, o *film noir* americano do pós-guerra. É uma sobreposição de constantes performances onde Nelly, actriz em busca de um realizador, cantora em busca de um pianista, mulher em busca de um homem, se vai metamorfoseando a tentar regressar ao que já foi, para benefício de um único espectador: o homem que ela continua a amar perdidamente apesar de todos os sinais de alerta.

À superfície um "amor louco", uma tentativa de tornar o impossível em possível, essa entrega total é também o único caminho possível de Nelly de regresso à vida - como um percurso da escuridão em direcção à luz, magnificamente encenado por Petzold do seu modo seco, sóbrio, profundamente empático, com o seu habitual director de fotografia, Hans Fromm, e interpretado por Hoss com a atenção aos pormenores mais ínfimos e a emoção sempre à flor da pele que faz dela uma das grandes actrizes dos nossos dias. E que acaba com a única conclusão possível, como os modelos que evoca e invoca de modo simultaneamente reverente e distante. **Phoenix** é soberbo.

